

MOSTRA

# Do Tejo ao Tibre

## músicos e artistas portugueses em Roma no século XVIII

28 fev. - 31 maio '19



O fascinante processo de assimilação e adaptação de modelos artísticos e musicais italianos pela corte de Lisboa ao longo do século XVIII constitui um dos fenómenos mais relevantes a nível cultural do Portugal setecentista, com repercussões que se estendem à maior parte do território. Através das obras conservadas na Biblioteca Nacional de Portugal, esta mostra pretende dar a conhecer ao grande público como se produziu essa frutífera associação criativa entre o país mais ocidental da Europa e a península itálica, coração do Mediterrâneo, colocando em evidência olhares transversais sobre a música e as artes visuais, dois campos frequentemente abordados de forma separada mas que percorreram caminhos comuns.

A partir do século XVI, Roma começou a atrair artistas de todos os campos, desejosos de aprender a partir do legado das suas ruínas e dos mestres modernos que a converteram no centro artístico da Europa. Ao mesmo tempo, viajantes procedentes numa primeira fase dos países do Norte também chegavam a Roma com o mesmo afã de aprendizagem, tanto no plano mundano como cultural, dando origem ao fenómeno do Grand Tour, que teria a sua eclosão nos séculos XVIII e XIX.

Portugal teve no século XVIII uma idade de ouro, graças às fabulosas encomendas artísticas e musicais de D. João V, o Rei Magnânimo. Ainda que o terramoto de 1755 tenha eclipsado uma grande parte do legado arquitectónico e artístico da primeira metade do século, a magnificência e o cosmopolitismo de Lisboa deixaram marcas que prevaleceram como sinais identitários nas décadas seguintes. O conjunto de peças expostas pretende mostrar desde a perspectiva da viagem e do intercâmbio artístico e musical como as relações entre Portugal e Itália, centradas num fluxo contínuo de pessoas, livros, partituras e obras de arte criaram uma riquíssima via de comunicação entre Roma e Lisboa.

Desse percurso e intercâmbio fizeram parte músicos como António Teixeira, João Rodrigues Esteves e Francisco António de Almeida e artistas plásticos como Francisco Vieira Lusitano, José de Almeida e Inácio Oliveira Bernardes, entre outros, mas também diplomatas, cardeais e outras personalidades ligadas ao mundo político, eclesiástico e cultural. Todos eles contribuíram para a criação do gosto italiano, de forte matriz romana, que marcou a corte de D. João V e que perduraria ao longo do século, com maior ou menor intensidade, e para uma maior visibilidade política e cultural de Portugal na Cidade Pontifícia. A comunidade portuguesa estava presente em Roma desde há vários séculos, mas nunca

tinha tido uma acção tão ampla e intensa na vida romana. Os portugueses surgem como ricos mecenas que celebram festas sumptuosas, patrocinam grandes encomendas e contratam artistas de primeiro plano para trabalhar tanto em Roma como em Lisboa.

A música e os músicos merecem especial destaque, quer pelo sucesso obtido pelos principais bolseiros do rei e pela qualidade da sua produção, quer pelo grande investimento feito em Missas solenes e *Te Deum*, serenatas, cantatas, óperas e pastorais para a maior glória de Portugal na cidade papal (da autoria de compositores como Alessandro Scarlatti, Carlo Cesarini ou Francesco Gasparini). Em paralelo, destaca-se a aposta em atrair para Lisboa figuras da estatura de Domenico Scarlatti (que chegou a Portugal há 300 anos) e Giovanni Giorgi, bem como de vários cantores da Cappella Giulia da Basilica de São Pedro do Vaticano. Intensificou-se também a circulação de partituras de compositores romanos, em especial destinadas à Capela Real de Lisboa, elevada a Patriarcal em 1716. No campo das artes plásticas, personalidades como Filippo Juvarra, Francesco Trevisani, Agostino Masucci, Pietro Bracci ou Carlo Monaldi trabalharam para D. João V, tanto enviando as suas obras para Lisboa, como deslocando-se pessoalmente à capital do reino como fez siciliano Juvarra, anteriormente activo em Roma ao serviço do cardeal Ottoboni e da rainha Maria Casimira da Polónia.

A mostra tem como foco principal a primeira metade do século XVIII, correspondente ao período áureo da chegada do gosto italiano a Portugal, favorecido pelo rei, pelos seus conselheiros e ministros, mas este fenómeno estende-se para lá do Terremoto de 1755, o qual desencadeou uma vincada mudança no plano da arquitectura e do urbanismo que, de certa forma, truncou a imagem da cidade e das artes idealizada por D. João V. No entanto, apesar de no plano musical D. José ter voltado a sua atenção para Nápoles e Bolonha, um dos principais cenógrafos activos nos teatros régios na segunda metade de setecentos foi Inácio de Oliveira Bernardes (em destaque na última secção da mostra), um dos artistas que beneficiou da formação romana patrocinada por D. João V na década de 1720 e que partilhou as instalações da Academia de Portugal, no Palácio Magnani, com outros artistas e músicos portugueses.

#### *Comissárias*

Cristina Fernandes (INET-md, NOVA FCSH)

Pilar Díez del Corral Corredoira (UNED – Madrid)

Em paralelo com a Mostra irá decorrer na BNP, a 28 e 29 de Março, o II Congresso Internacional *Transcultural Relations and the Arts*, dedicado a «Roma e Lisboa no século XVIII: música, artes visuais e transferências culturais», organizado pelo grupo «Estudos Históricos e Culturais em Música» do INET-md (NOVA FCSH) e pelo departamento de História de Arte da UNED (Madrid), bem como uma série de visitas guiadas associadas a programas musicais. Consultar programação detalhada no site da BNP: <http://www.bnportugal.gov.pt>

Imagem de base: [Alegoria à Academia Real da História] / Vieira Lusitano, 1735 | BNP E. 4847 P. | <http://purl.pt/13219> |>



Apoio:

